

Culturas negra e indígena no *heavy metal* nacional

William Castilho de Moraes
Licenciado em História pelo
Centro Universitário Salesiano de São Paulo
UNISAL – Lorena/2015

Resumo

Com esta pesquisa pretendemos explorar a importância da influência da música brasileira para a renovação do *heavy metal* mundial. A partir das composições das bandas Angra e Sepultura, que utilizaram elementos musicais de origem nacional, tanto na incorporação de instrumentos quanto no trato melódico, além de temática histórica relativa aos povos indígenas e africanos nas letras, trataremos de considerar as contribuições que estas bandas trouxeram para este estilo musical de alcance internacional. Procuraremos entender como a cultura brasileira é divulgada e valorizada pela presença de produções musicais nacionais num universo artístico específico, privilegiado pelas produções internacionais.

Palavras chave: Cultura, música, cultura africana, cultura indígena, *heavy metal*.

Introdução

Este trabalho tem como objetivos promover a valorização da cultura brasileira, em especial as culturas negra e indígena, promovida pelas bandas de *heavy-metal*; distinguir a importância de bandas brasileiras de *heavy-metal* no cenário internacional; destacar as origens do povo brasileiro formado pelos processos de miscigenação de índios, brancos e negros. Existem vários conceitos sobre o que é cultura, dentre essas associações, à cultura é voltada para estudo, educação e formação escolar. O que as pessoas mais associam a cultura são as manifestações artísticas como teatro, a pintura, a escultura, o cinema, as danças, canções folclóricas, as crenças de um povo e a música que é um dos temas centrais desse trabalho. O Antropólogo José Luiz dos Santos nos oferece conceitos básicos para se entender o que é cultura: “A cultura de maneira mais genérica, consiste com tudo o que caracteriza uma população humana”. (SANTOS, 2012, p.22). As pessoas

costumam associar a cultura a somente a aquilo que é considerado culto ou intelectual, mas a cultura vai além do que é somente avaliado como intelectual. José Luiz dos Santos define que: “A cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade. Considera-se como cultura todas as maneiras de existência humana”. (SANTOS, 2012, p.23). Esse trabalho tem o objetivo de ressaltar o que acontece quando uma cultura musical entra em contato com a outra, são as trocas culturais que servem de mecanismo de propulsão para o progresso, dessa fusão surgirá algo novo ou experimental que costuma ser característico dos brasileiros. Dessas trocas culturais o fundador da antropologia estruturalista Claude Lévi-Strauss escreveu: “Todo progresso cultural é função de uma coligação entre as culturas. Nenhuma cultura está só; ela é sempre dada em coligação com outras culturas”. (LÉVI-STRAUSS, 1976, Raça e História). Dentre os conceitos de cultura em que o Brasil se destaca é a música e o foco desse trabalho será duas bandas brasileiras de *heavy metal* que uniram a cultura americana e inglesa no caso o *rock (heavy metal)*, com a cultura negra e indígena brasileira (samba e instrumentos musicais característicos dos negros e índios).

O Brasil possui um papel importante no cenário *heavy metal* mundial, porém muitos de nós não temos consciência deste valor e as bandas do estilo acabam ficando de fora dos holofotes da indústria fonográfica e dos meios de comunicação. As bandas brasileiras de *heavy metal* Angra e Sepultura inovaram o estilo ao destacar e valorizar alguns elementos da cultura brasileira. A guitarra “pesada” do metal com os experimentalismos de instrumentos musicais de origem indígena e africana, acompanhados das letras sobre história do Brasil, fizeram um grande sucesso internacional.

Essas duas bandas brasileiras reinventaram um novo conceito musical no mundo do rock. A influência da música brasileira começa a aparecer de uma maneira tímida em algumas canções dos primeiros álbuns das bandas, embora não com tanta força como nos álbuns que vamos tratar nesse trabalho, nos quais os músicos fizeram uma junção de música brasileira com *heavy metal*. O Sepultura homenageou as origens do povo brasileiro com o álbum *Roots (Raízes)*, de 1996. O álbum se caracteriza por canções com letras de protesto sobre a miscigenação brasileira, os primeiros habitantes do Brasil e o processo civilizatório imposto pelos portugueses sobre as tribos indígenas.

O Angra segue praticamente a mesma linha, mas o foco trata do Brasil em 1500, quando foi descoberto pelos portugueses que encontraram um povo nativo e “estranho” ao chegarem em terras tupiniquins. A banda lançou o álbum conceitual *Holy Land* (Terra Sagrada), em 1996, que revela influência da música e cultura brasileiras, com referências aos índios e seu folclore, mas conta também com arranjos clássicos, simbolizando a Europa naquela época.

As bandas inovaram e criaram um *heavy metal* que só poderia ser produzido no Brasil. *Roots* e *Holy Land* marcaram o cenário musical nacional e internacional e se tornaram uma enorme influência para as bandas do estilo. As canções retratam nossas raízes sangrentas, marcadas pelo processo civilizatório dos europeus, ao imporem sua cultura aos chamados “selvagens” e escravizarem os negros da África, proibindo-os de manifestar sua cultura. As letras das canções retratam as origens do Brasil, valorizam nossa cultura e fazem uma homenagem àqueles que durante muito tempo foram excluídos, mas que participam de modo radical na formação do povo brasileiro.

Brasil, o país da miscigenação, da cultura diversificada, do povo formado por pessoas de todas as partes do mundo. Uma terra de tantas expressões artísticas e culturais que não nos cabe julgar qual seria a predominante, e sim entendê-las todas e reconhecer o valor cultural que cada uma possui. De acordo com Roberto DaMatta em sua obra: *O que faz o Brasil, Brasil?*

o "Brasil" maiúsculo do título significa muito mais que só o nome do país, por trás desse significado, encontra-se a expressão do país, da cultura, do local geográfico, da fronteira e do território reconhecidos internacionalmente, e também da casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, o lar, a memória e a consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e que pode ser trazido de volta na boa recordação da saudade. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Afinal, de fato, o que faz do Brasil uma nação vai muito além dos registros políticos e jurídicos que o inserem no patamar de país. (DAMATTA, 1984, p.17).

O Brasil é mais que isso, é a construção com base na miscigenação cultural, no sincretismo religioso e na cor da pele misturada. É o jeito de nunca ter dinheiro para nada, mas estar sempre tomando uma cervejinha no domingo do futebol. Em se tratando de música o Brasil é tão rico nesta arte que causa “inveja” a outros países, inclusive os chamados de “primeiro mundo”. Em nossa terra temos a música feita e criada aqui como: bossa nova, MPB, samba, choro, maracatu, baião, frevo,

música caipira (sertanejo). Podemos citar também as tradições transmitidas de geração em geração como os contos, provérbios, canções, danças e o folclore que nasceram e se desenvolveram com o povo.

O Brasil é muito bem representado por seus artistas de projeção internacional que levaram o nome do país ao estrangeiro. Entre eles há aqueles nomes conhecidos e consagrados, eternos sucessos como: Carmem Miranda, Tom Jobim, Heitor Villa Lobos, Antônio Carlos Gomes, Milton Nascimento, apenas para citar alguns. Em termos de *rock n' roll*, um estilo musical estrangeiro (americano), o Brasil é muito bem representado pelo subgênero que surgiu do *rock*, o *heavy metal* que foi muito difundido pelos ingleses. As bandas brasileiras em meio a tanta dificuldade que enfrentam em nosso país para produção e divulgação de seus trabalhos, exportaram o “metal” nacional com muito orgulho. Ao analisarmos as condições adversas que os músicos de *heavy metal* enfrentaram e enfrentam num país onde sua arte é discriminada pela maioria das pessoas envolvidas no setor de cultura, verificamos que a “música pesada” é pouco divulgada pelos meios de comunicação o que dificulta ainda mais a projeção artística em escala nacional das bandas, que permanecem, então, desconhecidas para o grande público. Isto engloba desde veículos de comunicação até as entidades públicas ou privadas. Para explicar esse domínio da indústria cultural no nosso país Darcy Ribeiro nos diz:

Resiste uma classe empresarial, de ontem e de hoje, aos interesses do povo brasileiro. Ela se mantém ao longo de séculos pelo domínio do poder institucional e do controle da máquina do estado nas mãos da mesma classe dominante, que faz prevalecer uma ordenação social e legal resistente a qualquer progresso generalizável a toda a população. Ela que regeu a economia colonial, altamente próspera para uma minoria, mas que condenava o povo a penúria. Ela é que agora deforma o próprio processo de industrialização do país. (RIBEIRO, 2006, p.229).

Os artistas brasileiros sofrem por não serem valorizados como deveriam e a indústria cultural não para de criar seus “produtos” para serem consumidos pelo “povo massa”. Nesse contexto o próprio Darcy Ribeiro afirma:

Todo esse processo se agrava, movido em nossos dias pela força prodigiosa da indústria cultural que, através do rádio, do cinema, da televisão e de inúmeros outros meios de comunicação cultural, ameaça tornar ainda mais obsoleta a cultura brasileira tradicional para nos impor a massa de bens culturais e respectivas condutas que dominam o mundo inteiro. Nós que sempre fomos criativos nas artes populares e de tudo que estivesse ao alcance do povo massa nos vemos hoje mais ameaçados do que nunca de perder essa criatividade em

benefício de uma universalização de qualidade duvidosa. (RIBEIRO, 2006, p.240).

Os artistas brasileiros do *heavy metal*, que em meio a tanta dificuldade, preconceito e condições precárias, desde instrumentos musicais a estúdios de gravação, usaram da filosofia do “faça você mesmo” (esse pensamento se fortaleceu com o movimento *punk* na década de 70) como muitas bandas de rock que desde a década de 60 faziam o seu som no *underground*, na contramão da indústria cultural. Diante da coragem dos brasileiros em criar e apresentar suas canções na língua inglesa, o mercado internacional abriu as portas para as bandas pesadas brasileiras principalmente Angra e Sepultura. Se formos levar em conta todas as situações que os músicos enfrentaram, seu feito é ainda maior. Em meio a tantas dificuldades o estilo *heavy metal* resiste no país pela força que seu público fiel tem, mas o feito que Angra e Sepultura realizaram até então nenhum outro artista brasileiro havia conseguido. As bandas chegaram a fazer turnês em países do Oriente Médio e Ásia onde nenhum artista brasileiro até então tinha ido. Isso demonstra a força que o estilo musical chamado *heavy metal* tem, um gênero musical que nasceu com base no *blues* americano e no *rock* inglês ao final dos anos 60. A partir do *heavy metal*, outros subgêneros vieram a surgir, tais como o *thrash metal*, o *black metal* ou o *alternative metal*.

O *metal* se caracteriza pelos *riffs* marcantes, com predominância sonora de guitarras sob o efeito de pedais de distorção, pela amplificação e pelos solos longos e virtuosos. Não podemos esquecer que o estilo musical é importado dos Estados Unidos e Inglaterra e que no Brasil houve uma influência muito forte da cultura americana que chegou ao país no início da década de 40 com a política da boa vizinhança. O historiador Gerson Moura narra “Tio Sam” chegando ao Brasil:

Proclamava-se na época a ideia de uma política da boa vizinhança entre Estados Unidos e os demais países americanos. Essa boa vizinhança significaria um convívio harmônico e respeitoso entre todos os países do continente. Significaria também uma política de troca generalizada de mercadorias, valores e bens culturais entre Estados Unidos e o restante da América. Foi nesse contexto que os brasileiros aprenderam a substituir os sucos de frutas tropicais onipresentes, à mesa, por uma bebida de gosto estranho e artificial chamada coca-cola. Passaram a ouvir o fox trot, o jazz, o boogie-woogie entre outros ritmos e começaram a ver muito mais filmes produzidos em Hollywood. (MOURA, 1984, p.6).

Música, cultura e influências.

Os americanos criaram o *rock*, mas os ingleses reinventaram-no. A vertente *heavy metal* nasceu na Inglaterra e as bandas *Black Sabbath*, *Led Zeppelin* e *Deep Purple* são alguns dos principais representantes do estilo. A música inglesa é muito difundida na terra do “Tio Sam”, com o exemplo clássico da chamada invasão britânica em 1964, quando os Beatles dominaram os espaços nas TVs e rádios da América. Posteriormente, os rapazes de Liverpool foram seguidos por outras bandas inglesas como os *Rolling Stones*, *The Who* e *Pink Floyd*. Com os ingleses, os americanos aprenderam a fazer *heavy metal* e esse estilo musical foi absorvido pelos brasileiros a partir da década de 70.

Não é exagero afirmar que americanos e ingleses divulgam e expandem sua cultura não só para o Brasil, mas para o mundo. Ao mesmo tempo, é possível verificar que é raro absorverem culturas dos outros países principalmente os de chamado Terceiro Mundo como o Brasil. A percepção desta prática pode ser evidenciada, já em 1959, na composição de Gordurinha e Almira Castilho que, na forma de um irônico e discreto protesto, cantam o direito que reservam para a integridade do samba.

Chiclete com Banana

Eu só ponho o be-bop no meu samba
Quando o Tio Sam pegar no tamborim
Quando ele pegar no pandeiro e no zabumba
entender que o samba não é rumba
Aí eu vou misturar Miami com Copacabana
Chiclete eu misturo com banana

O *be-bop*, que representa uma das correntes mais influentes do Jazz, surgiu por volta dos anos 1940 e marcou o que ficou conhecido como Jazz Moderno. Devido às suas harmonias complexas e ritmos frenéticos, esse estilo chamou a atenção, pois não era próprio para a dança, nem para o canto, sendo voltado apenas para improvisação e virtuosismo instrumental. Esse estilo musical começou a ter projeção internacional na mesma época que se iniciou a “invasão americana” no Brasil como escreveu o historiador Gerson Moura (citado anteriormente). Não há, portanto, como evitar reconhecer que Gordurinha e Castilho estivessem com alguma razão: é raro vermos “tio Sam” pegar no tamborim e entender que samba não é rumba. Porém com a projeção internacional de alguns artistas brasileiros, como Tom

Jobim ou Sérgio Mendes, por exemplo, os americanos e europeus começam a entender melhor a bossa-nova e o samba e reconhecer seu valor. No Brasil, terra da miscigenação, dá-se um processo diferente; aqui nós absorvemos a cultura exterior, misturamos com a nossa e acabamos criando um novo estilo que se caracteriza como música experimental. Esse conceito surge após um movimento que ficou conhecido como: “A Semana da arte moderna de 1922” marcou época ao apresentar novas ideias e conceitos artísticos considerados tipicamente brasileiros, porém sem esquecer-se das novas sintonias europeias (ou seja, a influência estrangeira). Após esse movimento um dos seus principais articuladores Oswald de Andrade publica o seu Manifesto Antropófago em que o escritor relata que devemos valorizar a cultura nacional, mas não se esquecer da cultura internacional. Com frases profundamente impactantes, o manifesto faz uma nova releitura do conceito negativo europeu que considerava a miscigenação como algo ruim e a antropofagia foi usada como metáfora para descrever o processo da formação cultural brasileira. Se para o europeu que se autodenominava civilizado e considerava o homem americano selvagem e inferior, porque praticava o canibalismo, na nova concepção inovadora de Oswald de Andrade, exatamente nossa índole canibal, que possibilitaria novas esferas de cultura, diferentes assimilações e críticas das ideias e modelos europeus. *“Como antropófagos somos capazes de deglutir as formas importadas para produzir algo genuinamente nacional, sem cair na antiga relação modelo/cópia, que dominou uma parcela da arte do período colonial e a arte brasileira acadêmica do século XIX e XX”* escreveu Oswald de Andrade em seu manifesto antropófago. Esse conceito ajuda a entender a música brasileira e se encaixa nos artistas e movimentos citados nesse trabalho.

Novos estilos musicais

É pertinente citar nesse trabalho alguns pioneiros de experimentalismos musicais na música brasileira. O Tropicalismo, por exemplo, que foi um movimento de ruptura que literalmente sacudiu o ambiente da música popular e da cultura brasileira no final da década de 60, período em que a Ditadura Militar, com uma censura agressiva, tolhia a produção artística e cultural nacional. O Tropicalismo deu um histórico passo a frente no meio musical brasileiro. Contando entre seus principais representantes Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé além de uma banda

que fazia o *rock psicodélico*, chamada Mutantes. Formada pelos músicos paulistas Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias, os Mutantes se tornaram um dos principais grupos do *rock* brasileiro, com suas composições que valorizavam a cultura nacional, o que fez do grupo um dos pioneiros em mesclar *rock n' roll* com elementos musicais e temáticos brasileiros. Neste mesmo período, a partir de movimentos ligados às esquerdas intelectuais e política, pretendia-se certa proposta para a música brasileira, com obrigatoriedade para temáticas e estilos nacionais, além de ideias abertamente “engajadas” politicamente contra a Ditadura Militar. Para além dessas tendências os tropicalistas inovaram e tiveram como objetivo universalizar a linguagem da MPB, incorporando elementos da cultura jovem mundial, como o *rock*, a psicodelia e a guitarra elétrica, confirmando que Oswald de Andrade estava certo. O movimento marcou época e sua influência se estendeu sobre a produção musical posterior.

No início da década de 1970 o grupo chamado Novos Baianos influenciado pela contracultura e pela emergente Tropicália, criou experimentos utilizando-se de vários ritmos musicais brasileiros que iam da bossa nova, frevo, baião ou choro ao *rock n' roll*. O seu álbum clássico foi “*Acabou Chorare*”, de 1972, cuja versatilidade permitia contemplar uma diversidade de gêneros musicais. A guitarra elétrica é marcante nas canções, e o álbum deixou sua marca na MPB.

Mas o “*rock brasileiro*” precisava de um representante que fosse, por assim dizer, mais radical ao estilo para fazer aquela “miscigenação cultural” e ser admirado pelos fãs de *rock*, pois, os artistas da Tropicália e os Novos Baianos fizessem uma música que poderia ser considerada *rock (dentro de certa universalidade que este gênero musical passou a contemplar)*, eram centrados no estilo que pendiam, ou dava ênfase, ao original nacional. O público *roqueiro* brasileiro “precisava” de algo ou alguém para “miscigenar” de vez o *rock* com a música brasileira.

No ano de 1973 um dos pioneiros do *rock brasileiro*, Raul Seixas, lança o álbum *Krig-ha, Bandolo!*, com a música *Mosca na Sopa*, que marca o *rock* nacional pela mistura de *rock* com ritmos de origem afro-brasileiros, como a capoeira e a dos pontos cantados nos terreiros de Umbanda e Candomblé. Usando da metáfora e do humor, Raul Seixas, em *Mosca na Sopa*, dispara uma poderosa crítica à censura patrocinada pela Ditadura Militar, dizendo que nem mesmo usando o método mais cruel, esta não conseguiria calar a voz das massas oprimidas. Verifica-se que o compositor correspondia ao engajamento político tão propalado pelas esquerdas para aquela conjuntura e, ao mesmo tempo, era aberto às influências da cultura

estrangeira em especial a norte-americana. A canção acabou sendo aprovada pelos roqueiros e as portas para um *rock brasileiro* ao gosto de um público específico estavam abertas.

Novos grupos – novas ideias

A década de 90 foi marcada por experimentalismos do *rock* com a música brasileira. Os anos de 1995 e 1996 entraram para a história da música brasileira, pois nestes anos Angra e Sepultura gravaram e lançaram seus álbuns enquanto em Pernambuco surgia um grupo inovador chamado de Nação Zumbi liderado por Chico Science. O pernambucano não só inovou, mas criou um estilo musical, o *Mangue Beat*, ao fazer a fusão do Maracatu pernambucano com *hip hop*, *rock n' roll* e música eletrônica, demonstrando mais uma vez como somos antropófagos. O *Mangue Beat* tem o seu valor e relevância para a música brasileira e por ser da mesma época acabou de certa forma sendo outra referência da mistura de música brasileira com a estrangeira.

Angra e Sepultura tinham o conhecimento do movimento *Mangue Beat* e dos artistas das décadas de 1960/70, que já haviam mesclado *rock* com música brasileira, mas nada parecido com o que eles viriam fazer nos anos 90.

A partir da década de 1960 o *rock n' roll* acabou se tornando universal e começou a ser produzido fora do eixo Estados Unidos e Inglaterra e foi nessa época que o subgênero *heavy metal* se estendeu pelo mundo e chegou ao Brasil. Os brasileiros absorveram esse estilo de música “importado” e aos poucos começaram a ocupar espaços com suas produções. Angra e Sepultura são os nomes mais fortes que surgiram, e o mundo ficou “aos pés” dos brasileiros quando estes começaram a misturar o samba e tamborim na música importada que vinha da terra de “Tio Sam”.

A presença de elementos da cultura brasileira começa a aparecer timidamente nos primeiros álbuns. Em *Chaos A.D.* (1993) o Sepultura mescla percussões tribais e bateria de escola de samba com as guitarras distorcidas do *heavy metal*. No álbum de estreia, *Angels Cry* (1993), o Angra cria um divisor de águas com a ousadia de incluir ritmos brasileiros, principalmente os nordestinos, com o metal cheio de melodia, técnica e velocidade. As experimentações ao extremo da música brasileira com *heavy metal* vieram em *Holy Land* do Angra e *Roots* do Sepultura, onde as bandas fizeram não só “Tio Sam” ouvir sua música com o samba brasileiro, mas

também cantar sobre a História do Brasil. *Roots* ganhou disco de ouro nos Estados Unidos.

A universalidade do rock e, por consequência, do *heavy metal* não fez apenas “Tio Sam” cantar sobre o Brasil. Os álbuns foram sucesso na Europa onde o Sepultura ganhou disco de ouro em países como Inglaterra, França e Holanda e chegou até a terra do sol nascente. O Angra, por sua vez, chegou a ganhar disco de ouro com *Holy Land* se igualando aos gigantes do rock como *Guns n’ Roses*, *Kiss* e *Van Halen* no tão disputado e concorrido mercado japonês. O fato foi registrado pela revista *Veja*, em uma das “raras” vezes em que a revista abriu espaço para falar sobre *heavy metal*. (*Veja*, Edição 1440, p.138, 1996). Mesmo com tanto sucesso no exterior somente os veículos de comunicação especializados (revistas de *rock*, *fanzines* independentes, *fan* clubes e rádios *rock*) divulgaram essas conquistas destes concorridos e específicos espaços internacionais pelos músicos brasileiros.

É possível então, frente a esse sucesso internacional, arriscar que as bandas brasileiras de *heavy metal*, Angra e Sepultura, reinventaram o estilo. Às guitarras com *riffs* poderosos e “pesados”, e aos vocais guturais e líricos foram adicionados instrumentos brasileiros como berimbau, tambores de origem africana, instrumentos de percussão (surdo, repinique, tamborim, reco-reco) flauta indígena, além de firme presença de grandes cantos do folclore brasileiro. Os brasileiros criaram um som único que só poderia ser feito no Brasil. O sucesso no exterior foi imediato e influenciou várias bandas do estilo para o acréscimo de percussão (tambores africanos e outros) em sua música.

A homenagem das bandas brasileiras de *heavy metal* à cultura “raiz” do Brasil nos ajuda a refletir sobre quem nós somos e como foi formado o povo brasileiro, possibilitando pensar sobre Gilberto Freyre e seu grande clássico, *Casa Grande & Senzala*: “*Todo brasileiro traz na alma e no corpo a sombra do indígena ou do negro*”. A obra foi a resposta à seguinte indagação: o que é ser brasileiro? E a principal fonte de informação foi o próprio Freyre, que, como brasileiro, respondia a certos anseios traduzidos pela indagação: Como fomos formados? A população brasileira é bastante miscigenada e isso ocorreu em razão da mistura de diversos grupos humanos que aconteceu no país. São inúmeras as etnias que contribuíram na formação do povo brasileiro como os povos indígenas, africanos, imigrantes europeus e asiáticos. Em sua obra *O Povo Brasileiro*, Darcy Ribeiro diz:

Nós, brasileiros, somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos viveu por séculos sem consciência de si... Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros[...].(RIBEIRO, 2006, p.21).

Tendo em vista essa diversidade de culturas e etnias, o resultado só poderia ser uma miscigenação que promoveu uma grande riqueza cultural. Por esse motivo, encontramos inúmeras manifestações culturais, costumes, pratos típicos, entre outros aspectos. Uma característica marcante de toda essa miscigenação é a música. Mas para criar música com raiz brasileira com sinceridade é preciso conviver, ainda que por um tempo restrito, com os indígenas, saber quem eles são, a maneira como pensam, os tipos de instrumentos musicais usados em seus cantos e rituais. E foi exatamente o que a banda mineira Sepultura fez. Por ser uma banda brasileira e de muito sucesso no exterior o Sepultura resolveu homenagear as origens do povo brasileiro com o álbum *Roots* (raízes) o sexto de sua carreira (1996). Para gravar o álbum, a banda viajou ao Mato Grosso para ter uma experiência com uma tribo Xavante.

Ilustração 1 – Capa do disco *Roots*, do Sepultura

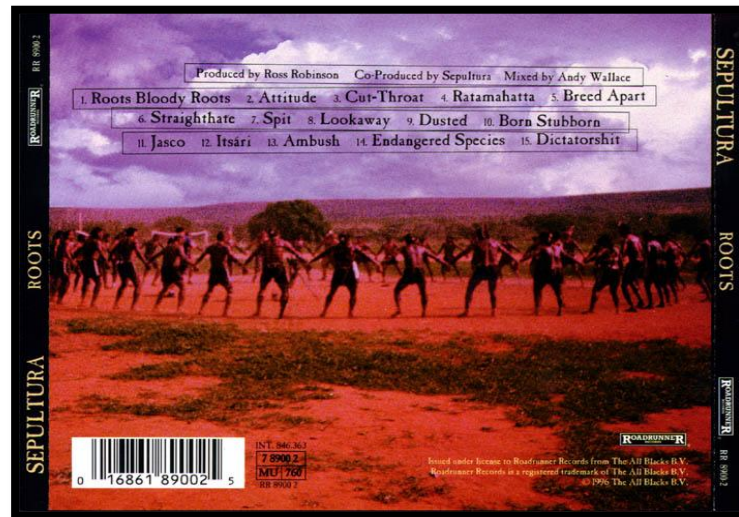


Fonte: Metal Insider

Disponível em: <http://www.metalinsider.net/site/wp-content/uploads/2014/06/Sepultura-Roots-Large.jpg>. Acesso em: set/2015

Após se adaptarem às tradições locais, banda e tribo gravaram músicas e *vídeo cliques*. Os músicos estavam interessados em encontrar as raízes brasileiras e a música instrumental *Itsari* é emblemática até os dias de hoje por ter sido gravada dentro de uma aldeia Xavante (a aldeia Pimentel).

Ilustração 2 - Contracapa de *Roots* que retrata a banda junto com os índios Xavantes



Fonte: Metal Insider

Disponível em: <http://www.metalinsider.net/site/wp-content/uploads/2014/06/Sepultura-Roots-Large.jpg>. Acesso em: set/2015

Este álbum marcou época, pois realizou uma forte fusão do som pesado da banda com música brasileira e outros experimentalismos. O Sepultura se identificava com os indígenas da tribo, pois, segundo a banda, ambos viviam à margem da sociedade. Do mesmo modo, o estilo musical e o modo de viver dos integrantes da banda, assim como o dos indígenas, eram difíceis de serem assimilados pela maior parte da sociedade.

A banda integra instrumentos indígenas e percussão brasileira com guitarras de *heavy metal*, acompanhados dos vocais guturais característicos da banda. O álbum *Roots*, além de valorizar a cultura brasileira, é um reconhecimento da riqueza cultural dos povos nativos do Brasil, pois os próprios músicos do Sepultura, que viajavam o mundo inteiro com seus shows, começaram a perceber o valor dessa cultura. Mesmo o guitarrista da banda, Andreas Kisser, chegou a afirmar: “Viajando pelo mundo conhecemos novas culturas e estávamos vendo o Brasil de longe, e sendo cada vez mais brasileiros. Começamos a perceber que existiam muitas coisas

que eram nossas, diversos ritmos, o próprio samba, a percussão e os índios”. (*Roadie Crew*, Edição n.172, p.42, 2013).

O álbum fez enorme sucesso no mundo inteiro ganhando discos de ouro em vários países. A música *Roots Bloody Roots* se tornou uma espécie de hino do *heavy metal* mundial e muitos fãs da banda, no exterior, passaram a cantar sobre nossas raízes sangrentas. O processo de aculturação no Brasil também é tratado na música e no álbum. Sabemos que um dos objetivos dos europeus em suas viagens marítimas era a catequização dos povos, deixada a cargo dos padres da Companhia de Jesus. Com o álbum *Roots* o Sepultura influenciou outros nomes do *heavy metal* mundial, como as bandas americanas *Korn* e *Slipknot* que uniram a percussão (tambores) ao som “pesado” das guitarras do metal.

A letra da música *Roots Bloody Roots* fala sobre nosso processo civilizatório das nossas raízes, como a população brasileira cresceu, os rituais e cantos indígenas e a evangelização nos nativos. Tornou-se um clássico do *heavy metal* internacional. Segue a sua tradução:

Raízes Sangrentas Raízes

Raízes, sangrentas raízes (4 x)

Eu acredito em nosso destino
Não precisamos disfarçar
É tudo que queremos ser
Me veja enlouquecer

Eu digo estamos crescendo todo dia
Ficando fortes de todas as formas
Vou te levar para um lugar
Onde devemos achar nossas

Raízes, sangrentas raízes (4 x)

Chuva
Traga-me a força
Pra alcançar mais um dia
E tudo que quero ver
Nos liberte

Por que?
Não pode ver?
Não pode sentir?
Isso é real
Aaah

Eu rezo

Nós não precisamos mudar
 Nossas maneiras pra ser salvos
 É tudo que queremos ser
 Nos veja enlouquecer

Na canção *Ratamahatta* o Sepultura experimenta instrumentos musicais indígenas, cantos nativos, seguidos pelas guitarras distorcidas com percussão inspirada nos ritos do candomblé. O sucesso da música é devido ao seu videoclipe inovador e complexo que nos leva ao universo do *Claymation* (técnica de animação em *stop-motion* feito ou baseado em modelos de barro) e traz à tona símbolos do cenário popular brasileiro como a pobreza, a prostituição, as favelas e a selva amazônica. O vídeo leva em conta a cultura brasileira e expõe fantoches nacionais mesclados com elementos tribais, *voodoos*, misticismo e terror. O vídeo captura o misticismo, a floresta, as figuras mitológicas, os rituais religiosos e figuras comuns ao nosso cenário urbano brasileiro, como prostitutas e bêbados, que geralmente são esquecidos. Pelos artifícios exibidos no clipe, é fácil concluir que o mesmo se trata de um ritual de *Candomblé*. O clipe possui valor histórico significativo para o cenário brasileiro do audiovisual, pois com pouca frequência as questões religiosas e sociais haviam sido descritos com exatidão em termos de algum videoclipe de outro artista brasileiro. O propósito da música é descrever a vida sofrida do brasileiro nas favelas e citar figuras populares como *Zumbi*, figura lendária que criou o quilombo dos escravos fugidos; *Lampião*, o “rei do Cangaço”, e *Zé do Caixão*, personagem de terror criado pelo cineasta e ator José Mojica Marins, além de valorizar palavras bastante comuns do nosso vocabulário como *biboca*, *garagem*, *favela*, *maloca* e *bocada*. Segue sua letra:

Ratamahatta

Biboca, garagem, favela
 Biboca, garagem, favela
 Fubanga, maloca, bocada
 Fubanga, maloca, bocada

Maloca, bocada, fubanga
 Maloca, bocada, fubanga
 Favela, garagem, biboca
 Favela, garagem, biboca

Zé do Caixão, Zumbi, Lampião (4 x)

Olá, subúrbios

Olá, centro da cidade
 Olá, meio da cidade
 Olá, Trenchtown

Ratamahatta!
 Ratamahat-mahata-hata
 Mahata-hata-hata...

A música *Born Stubborn* é como se fosse uma continuação de *Roots Bloody Roots*, e a letra (escrita em inglês) cita novamente os indígenas. A banda escreve que mesmo após o processo de aculturação as raízes nunca serão esquecidas. A canção possui uma marca registrada, a percussão típica brasileira, e no final ouve-se os índios Xavante cantando como se estivessem em um ritual. Segue sua tradução:

Nascido Teimoso

Teimoso para começar
 Obedece ninguém, não importa, o que?!
 Nossa vida é nosso direito
 Porque você não vai embora?

Nós vivemos sem ordens
 Nós vivemos sem regras
 Demolindo o muro
 Que tenta nos segurar

Nascido na dor
 Nascido teimoso

Recebi minha tribo é meu próprio direito
 E eu não tenho que lhe dizer porque
 Tem sido como o começo
 E você não pode quebrar isto à parte
 Sepultura em nossos corações
 Não pode levar isso.
 Estas raízes sempre permanecerão

Nascido na dor
 Nascido teimoso

Teimoso para começar
 Obedece ninguém, não importa, o que?!
 Nossa vida é nosso direito
 Porque você não vai embora?

Nós vivemos sem ordens
 Nós vivemos sem regras
 Demolindo o muro
 Que tenta nos segurar

Nascido na dor

Nascido teimoso

Recebi minha tribo é meu próprio direito
 E eu não tenho que lhe dizer porque
 Tem sido como o começo
 E você não pode quebrar isto à parte
 Sepultura em nossos corações
 Não pode levar isso.
 Estas raízes sempre permanecerão

Nascido na dor
 Nascido teimoso
 Nascido na dor
 Nascido na dor

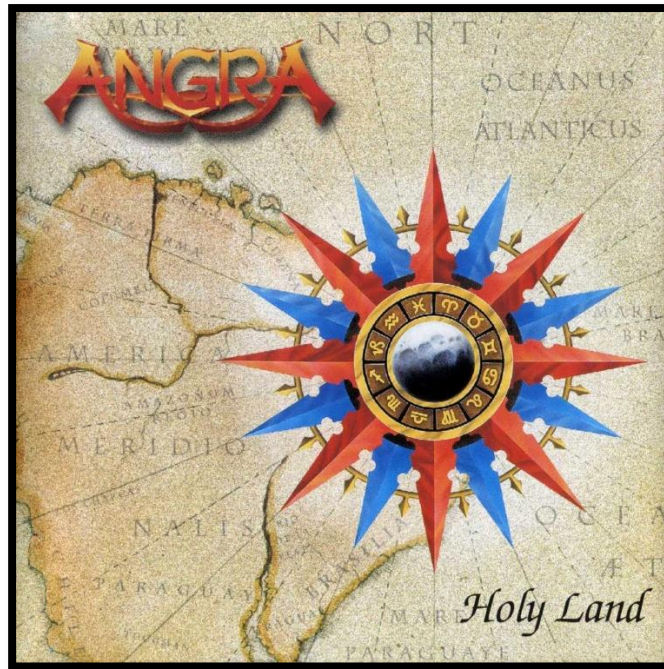
Vida de sofrimento
 Faz-nos levantar

Já os paulistas do Angra, no segundo álbum de sua carreira, *Holy Land* (Terra Sagrada), de 1996, fazem uma junção do seu *heavy metal* melódico com os experimentalismos da música brasileira. André Matos, vocalista do Angra, explica:

Antigamente quem ouvia heavy metal não ouvia nada que estivesse fora e pudesse enriquecer a linguagem, era uma coisa fechada. O heavy metal é um dos poucos estilos de música que dá a oportunidade de abertura musical, com a dance music já é mais difícil. O heavy pode ser mesclado que fica legal, porém tem que ser bem feito. É um grande engano achar que música brasileira é somente percussão, na verdade ela é muito rica principalmente em harmonia e letras. Não é simplesmente colocar um samba no meio do heavy metal e achar que ficou bom, é uma coisa muito sincera o que fizemos, porque música brasileira já está incorporada em quem é brasileiro. (Roadie Crew, Edição n.172, p.39, 2013).

Este álbum possui uma grande diversidade musical e é totalmente influenciado pela cultura brasileira, com letras ricas em conteúdos que retratam o Brasil de 1500, à época da chegada dos portugueses, e, embora siga uma linha conceitual específica, suas letras são de livre interpretação.

A abertura é feita com a música *Crossing*, que trata de uma missa celebrada no século XVI por *Giovanni Pierluigi da Palestrina* (compositor italiano de música sacra), e conta com sons da floresta ao fundo, abrindo caminho para as influências brasileiras de muito bom gosto, representando a primeira missa realizada no Brasil.

Ilustração 3 - Capa do CD *Holy Land*, Sepultura

Fonte: Heavy Metal Nacional

Disponível em: < <https://heavymetalnacional.files.wordpress.com/2014/05/holy-land-album-cover.jpg>>. Acesso em: set/2015

A primeira música *Nothing to Say* (Nada a Dizer) retrata os portugueses que acabaram de descobrir o mundo virgem até então desconhecido para eles. A canção deixa uma interrogação sobre quem era esse povo que chegou ao Brasil, e por que alguns deles voltaram para Portugal sem nada a dizer ou, sendo mais direto, sem nenhum dinheiro, pois alguns vinham para as novas terras tentar fazer fortuna, mas nem todos davam certo. Segue sua tradução:

Nada a Dizer

Há muito tempo atrás, o mesmo céu acima
 "É solitário quando o sol se põe"
 Um dia chegou quando éramos como um:
 - Armas pra cima, nunca se renda!
 Oh, eu vi o cintilante ouro.
 Nós mataríamos e morreríamos para conquistar um mundo virgem
 A custódia corrompida pela honra

Vivendo para sempre mais, partindo hoje
 De volta ao meu lugar, eu não tenho
 Nada a dizer!
 Culpa e vergonha, isso tudo é tão insano
 Deuses pagãos morrem sem defesa
 E nós não poderíamos ir mais longe
 Escavando as sepulturas da nossa consciência
 Oh, os sons, eles ainda ecoam

Todos nós sendo levados pelos mares de sangue
A esperança escondida atrás do horror!

Vivendo para sempre mais, partindo hoje
De volta a essa terra, eu não tenho
Nada a dizer!
Vivendo para sempre mais, vivendo hoje
Para tudo o que resta, eu não tenho
Nada a dizer!
Oh, quantos anos já foram...
Toda manhã, eu me despia do amor
O amor levantando da tristeza

Vivendo para sempre mais, partindo hoje
De volta a essa terra, eu não tenho
Nada a dizer!
Vivendo para sempre mais, partindo hoje
Para tudo o que resta, eu não tenho
Nada a dizer!

Vivendo para sempre mais - nada a dizer!
De volta ao meu lugar eu não tenho...
Vivendo para sempre mais - nada a dizer!
Para tudo o que remanesce eu não tenho
Nada a dizer!

O álbum segue com músicas que contam a vida na "terra sagrada" antes do descobrimento e as mudanças pelas quais passaram os habitantes do Brasil com a chegada dos portugueses. A faixa *Carolina IV*, tem uma marcação característica de um épico, com suas batidas tribais estilo Olodum, mudanças de andamento e partes de influência da música erudita europeia. Vale ressaltar que antes de entrarem as guitarras pesadas do *heavy metal* na música, a banda canta um trecho em português junto com as batidas tribais, que relata muito bem o Brasil:

Carolina IV

Salve salve Iemanjá,
Salve Janaína
E tudo o que se fez n'água
Jogam flores para o mar
Deus salve a Rainha
E o meu passo nessa esfera...
Um caboclo de orixás
Logo deixa a Terra
Vai de encontro à sua sina
Onde o céu encontra o mar
Achará seu porto
E é assim que isso termina...

Ilustração 4 - A capa e encarte de *Holy Land*, destacando o caminho que os portugueses fizeram para chegar à terra desconhecida e a Rosa dos Ventos indicando a Terra Sagrada.



Fonte: Heavy Metal Nacional

Disponível em: < <https://heavymetalnacional.files.wordpress.com/2014/05/holy-land-album-cover.jpg>>. Acesso em: set/2015

A faixa título *Holy Land* é um significativo exemplo de como uma banda pode diversificar sua criatividade e produção sem perder a identidade e musicalidade com a inclusão de ritmos típicos da capoeira brasileira e das canções folclóricas nordestinas. O sucesso foi imediato, pois o mundo queria ouvir o *heavy metal* com “gingado” brasileiro. A banda fez turnês mundiais e ganhou disco de ouro no Japão. A letra da canção título do álbum *Holy Land* é uma metáfora para o Brasil. Fala sobre a vida dos portugueses que estavam nas caravelas rumo à “terra sagrada” além de possuir certo misticismo característico dos indígenas. Segue sua tradução:

Terra Sagrada

Nós nascemos em uma Época de Ouro
 Além das crenças
 Sopradas com os ventos para encontrar
 Aqueles que rastejam
 E rezam
 Vestígios de pés descalços em areia fresca
 Um mapa desdobrado
 Espalhando conhecimento
 Magia e amor
 E então..... Ooh, e então

Carregado por deuses de madeira
 Nós partimos em direção ao sol
 Jorramos o sangue sagrado
 Daqueles que morrem
 Para abençoar
 Ooh, e dançar...
 Ooh, ainda dançar...

Alguém enviou
 Alguém até aqui
 Para trazer uma era
 Há muito desaparecida

Terra Sagrada - Jogue suas cicatrizes em mim
 Minha alma apenas tende a ser
 Sua amiga
 Terra Sagrada - Terra Sagrada ao redor
 Terra Sagrada - Terra Sagrada é tudo...

Alguém enviou
 Alguém até aqui
 Para trazer uma era
 Há muito desaparecida
 Terra Sagrada - Mostre me seus sinais
 Porque eu estou aqui para ver
 Seu rosto
 Terra Sagrada - Terra Sagrada ao redor
 Terra Sagrada - Terra Sagrada é tudo...
 Terra Sagrada, Terra Sagrada...

Roots e *Holy Land* entraram para a história da música “pesada” mundial por sua ousadia, experimentos, valorização da cultura brasileira e por levar o Brasil aos quatros cantos do globo. Raízes Sangrentas na Terra Sagrada.

A pesquisa e a análise das produções das bandas consideradas permitiram vislumbrar sobre a formação da cultura brasileira enquanto um processo marcado pela miscigenação, mais que biológica, uma mestiçagem cultural, marcada pelas expressões artísticas híbridas. Ao experimentar a fusão de música estrangeira com elementos nativos, as bandas de *heavy metal* Angra e Sepultura acabaram por criar, sem exageros, uma nova linha de música brasileira, miscigenada, o que é próprio das características da cultura brasileira. Ao mesmo tempo, a pesquisa possibilitou trazer à vista algo pouco notado no mundo acadêmico: o fato de que o trabalho das bandas brasileiras de heavy-metal, por sua personalidade e força artística, são veículo de divulgação e promoção da cultura brasileira, expondo elementos desconhecidos aos olhares internacionais, cujas características que vão além dos (já

tão explorados) produtos carnavalescos. Falta ainda um reconhecimento maior por parte da própria brasilidade.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. **O manifesto antropófago**. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história : ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração da cultura americana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. In **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2012.

VINIL, Kid. **O almanaque do Rock: histórias e curiosidades do ritmo que revolucionou a música**. São Paulo: Ediouro, 2008.

Publicações Periódicas

REVISTA ROADIE CREW HEAVY METAL & CLASSIC ROCK. São Paulo, Editora: Roadie Crew Ltda, n.172, ano 16, 2013.

REVISTA ROADIE CREW HEAVY METAL & CLASSIC ROCK. São Paulo, Editora: Roadie Crew Ltda, n.160, ano 15, 2012.

REVISTA VEJA. São Paulo, Editora Abril, n. 16, ano 29, 1996.